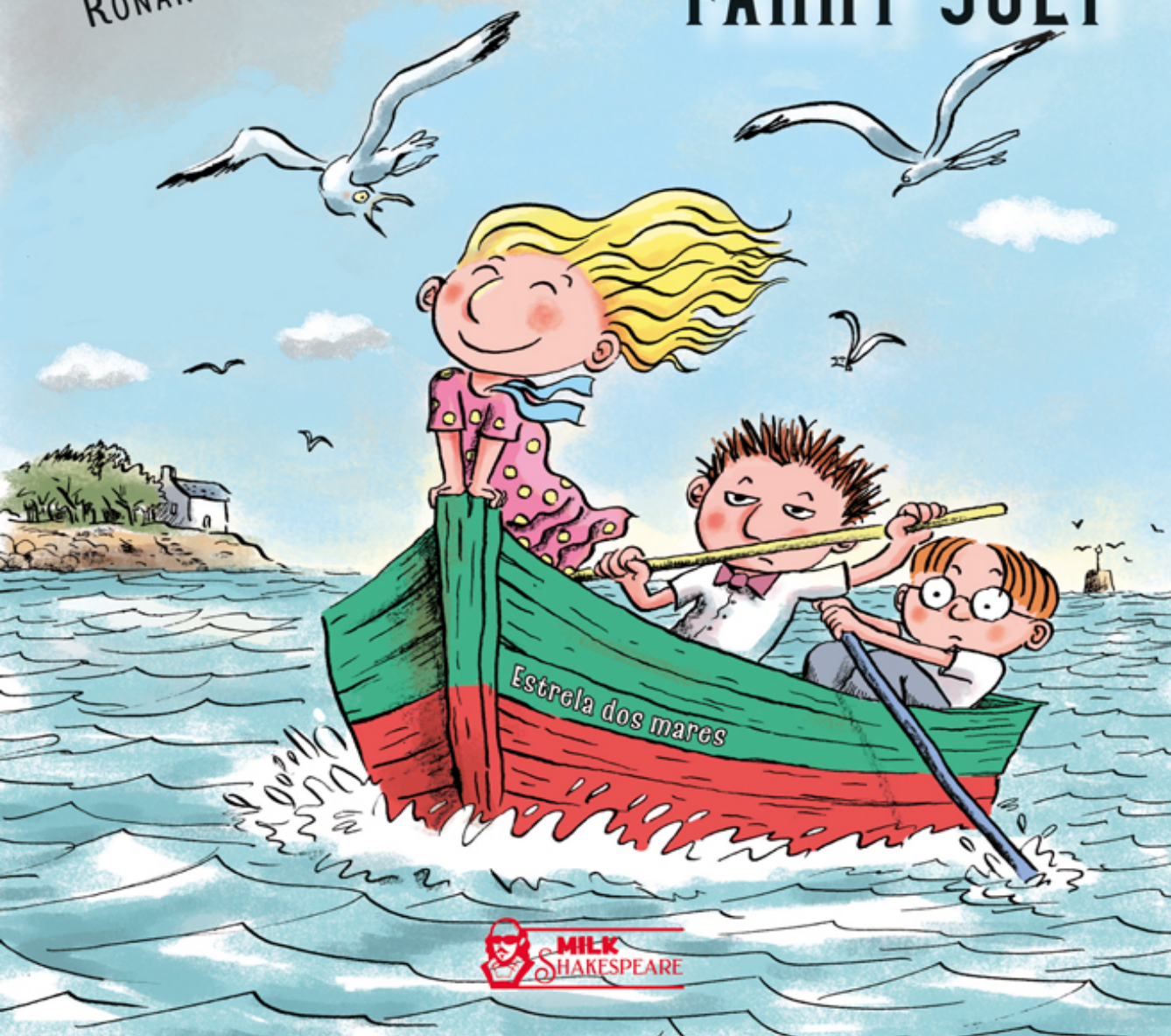


Angelina Purpurina

a supercuriosa

FANNY JOLY

ILUSTRADO POR
RONAN BADEL



Angelina Purpurina



*Angelina
Purpurina
a supercuriosa*

FANNY JOLY

Ilustrado por
Ronan Badel

TRADUÇÃO
ANDRÉIA MANFRIN ALVES



Observe todos com atenção,
eles estão nestas histórias...

Vitor, o irmão
mais velho.

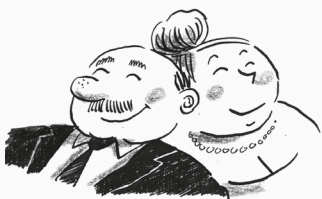


Angelina Purpurina,
conhecida como Pirralha.

José-Máximo, o irmão do
meio, também chamado de
Zé-Max, JM ou Mad Max.

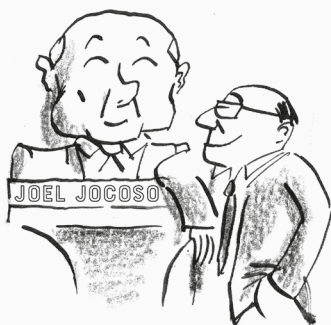


Pedro Quindim,
a paixonite.



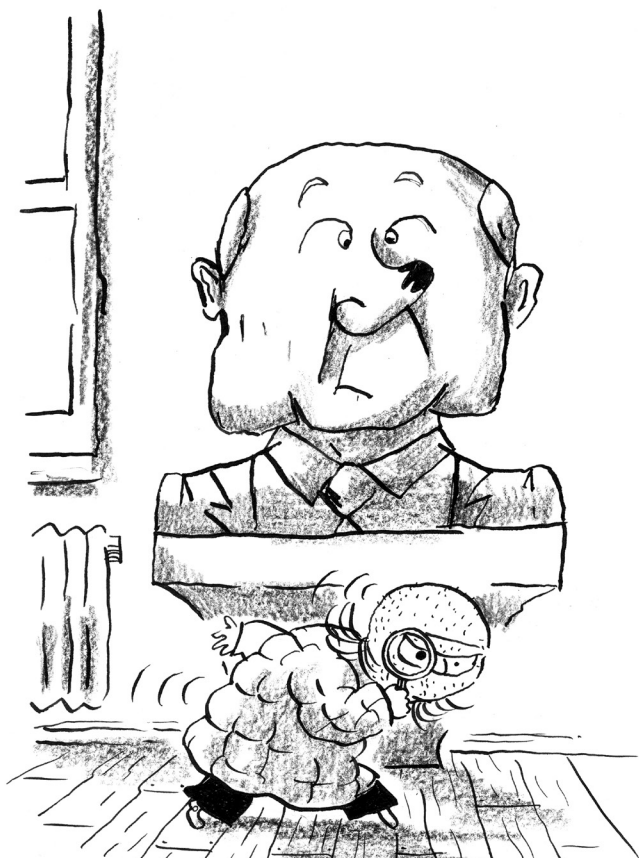
Senhor e
senhora Tristão.

Catarina,
a melhor amiga.



Senhor Carvalho,
diretor da escola.

1. Angelina conduz a investigação





Angelina, pra lousa!

ANTES EU ACHAVA QUE A PALAVRA “MONÓTONO”
vinha da palavra “outono”.

Ou o contrário: “outono” de “monótono”, o que dá na mesma.

Quer dizer, quase...

Acreditei nisso até o dia de outono em que a professora Paola me chamou à lousa e disse:

— Angelina Purpurina (é o meu nome, e quem não me conhece, é bom guardar direitinho essa

informação. Pra me irritar, os meus irmãos me apelidaram de Pirralha. Mas pode esquecer esse nome, eu o odeio...), você pode vir até a lousa escrever a palavra “monótono”, por favor?

Subi no tablado, peguei o giz que ela me ofereceu e escrevi sem hesitar:

monoutono

Gosto de escrever na lousa. Só não gosto quando o giz escorrega e arranha e causa arrepios em mim e nos colegas da sala (talvez até na professora também...). Felizmente isso não aconteceu. Mas o que aconteceu não foi melhor, é bom deixar claro.

A professora Paola ficou plantada na minha frente com as mãos na cintura.

— Aí está! Você cometeu esse erro três vezes na sua redação!

Erro? Que erro? Eu não tinha a menor ideia!

— “Monótono” NÃO SE ESCREVE desse jeito! — a Eloá Filigrana se intrometeu (eu a chamo de Eloanta), como se fosse a campeã do mundo em ortografia.

Fiz um sinal de “cala a boca!” pra ela, dobrando a minha mão pra imitar a forma do bico de um pato (os meus irmãos fazem isso pra mim toda hora), e falei:

— Ah, Eloá, nem vem, você achava que “escorpião” se escrevia com X e que era um pião que tinha perdido a cor!



A professora franziu as sobrancelhas.

— Nós não precisamos das SUAS observações, senhorita Purpurina, pare com isso, POR GENTILEZA!

Quando ela nos trata de senhor ou senhorita é um PÉSSIMO sinal.

E foi batata! Tive que copiar TRINTA vezes: “*MONÓTONO*, *adjetivo*: entediante em razão de seu aspecto repetitivo e pouco variado.”

Muito obrigada, Eloanta! Se a Eloá não tivesse aberto a boca, eu não teria dito nada, e aí não estaria nessa cilada, porque *repetitivo e pouco variado* mesmo é ter que copiar TRINTA vezes: *MONÓTONO, adjetivo...*

Enfim.

Por que estou falando disso mesmo?

Ah, é! Porque a história que quero contar aconteceu no outono. Um outono que foi cem por cento monótono.

As provas:

- ☾ Todos os dias: frio ou vento ou chuva, e em alguns dias os três ao mesmo tempo!
- ☾ Na escola: perguntas-surpresa todos os dias. Neste caso, não vejo onde está a surpresa.
- ☾ Em casa: os meus irmãos me irritando TODOS OS DIAS.

Exemplos?

SEGUNDA-FEIRA, o Vitor (onze anos) diz que eu pareço um ravióli.

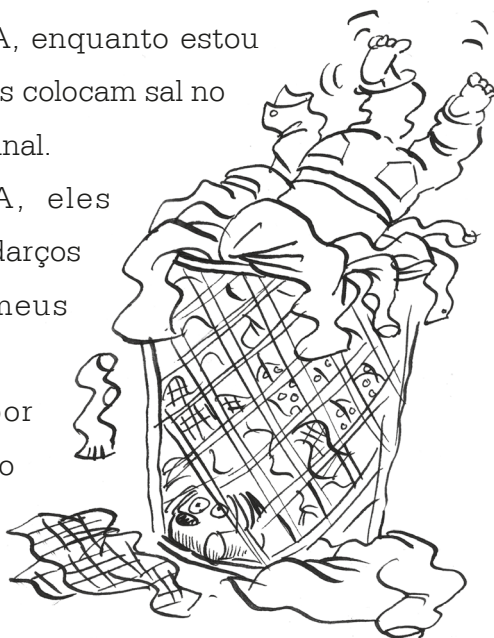
Na TERÇA, eles escondem o Mastigadinho (meu-amado-leão-de-estimação) no fundo do cesto de roupa suja. Quando eu finalmente o encontro, os dois me explicam que, já que eu falo que ele tem um cheiro bom, quando na verdade ele fede, o Mastigadinho vai ficar ainda mais cheiroso, já que vai feder até a morte.

Na QUARTA, eles me fazem acreditar que ficarão em casa (em vez de ir pro futebol) pra ver o “Quindinzinho” (nome pavoroso que eles inventaram pro Pedro Quindim, meu garoto predileto da escola, que passa na frente da nossa casa no caminho pra aula de violino).

Na QUINTA, enquanto estou no banheiro, eles colocam sal no meu cereal matinal.

Na SEXTA, eles amarram os cadarços de todos os meus tênis juntos...

E assim por diante... Eles não param nunca.



Mas, de repente, acabou a MONOTONIA.

Era uma segunda-feira. Chovia. O JM e eu chegamos juntos à escola. Estávamos indo cada um pra sua sala (ele está no quarto ano, e eu, no terceiro) quando a senhora Amarelinda, enfermeira-bibliotecária, parou a gente na beira da escada e disse, apontando pro pátio:

— É por ali que vocês devem passar!

Do lado de fora, estava tudo esquisito.

Vimos o senhor Carvalho, o diretor que intimida todo o mundo (até os professores), em pé em cima de uma mesa, debaixo de um guarda-chuva que o Francis, o professor de Educação Física, segurava. Ele parecia mais rabugento que de costume (falo do diretor, o Francis está sempre sorrindo) e segurava um megafone, como nas manifestações que vemos nos jornais.

A professora Florinda, do primeiro ano, o professor Gonzalo, do segundo ano, a professora Paola Pontuda, do terceiro ano, o professor Patota, do quarto ano, e a professora Narizilda, do quinto ano, estavam todos em pé em volta da mesa. Os alunos, enfileirados por sala. A gente se juntou cada um ao seu grupo.

O Pedro, na primeira fileira do quarto ano, me deu um oi discretamente.

— Um, dois, três... Um, dois, três... Um, dois, três... — o diretor falou pra testar o megafone.

Depois, ele repetiu três vezes (também) que ia esperar um silêncio absoluto, sendo que ninguém falava e todos se mantinham imóveis e duros feito pedra de gelo...

Finalmente, ele anunciou:

— Aconteceu uma coisa **MUITO GRAVE!**

Pensei que alguém tivesse morrido. Um professor? Não, eles estavam todos vivos, bem na minha frente. Um aluno? O meu coração começou a acelerar...



— Esta manhã, às 7h37 — o senhor Carvalho continuou —, quando cheguei à instituição, constateei horrorizado que um ato profano foi cometido contra o busto do nosso Mestre, nosso Guia, nosso Benfeitor: Joel Jocosó!